NECROLÓGIOS

Fran Martins
O inspirado decifrador de ruas

EDUARDO CAMPOS (*)

Ele ainda está lá, é o Diretor-irremovível.

Em cima, emblemático, o nome *Clã*. Mais embaixo: *Revista de Cultura*.

Ao lado, à esquerda, o nome do secretário da revista: Aluízio Medeiros. Os outros, que eram e ainda somos alguns de seus companheiros de jornada, remanescentes, estão acrescentados em seguida à qualificação redatores.

E éramos Artur Eduardo Benevides, Antônio Girão Barroso, Braga Montenegro, Stênio Lopes, Joaquim Alves, Eduardo Campos, João Clímaco Bezerra, Moreira Campos, Mozar Soriano Aderaldo e Otacilio Colares. Depois, Lúcia Fernandes, Milton Dias e Pedro Paulo Montenegro juntar-se-iam aos da primeira hora.

É como se vê ao nº 6, em dezembro de 1948; e é quando o sentido de grupo assume a sua unidade, e cresce, omitida a conceituação inicial de Conselho de Redação, que se inaugurara com o lançamento do número inicial da revista.

Ainda aí, por esses dias, o peso das angústias, o rescaldo que restou na Guerra, a começar da peça de teatro eleita pelo diretor da revista para o primeiro livro de Clã, "O Demônio e a Rosa", de nossa autoria, em que se vai ouvir, sob o estralejar de metralhadoras, personagem sofrido pela perda da Rosa, recitar:

"Ouça... Ouça! Já começou o fuzilamento... Vem de longe... Primeiro foi em 1914. Depois em 1939... Nós todos seremos fuzila-

(*) Sócio efetivo do Instituto do Ceará.

dos para que alguém diga aos que vierem depois que a Rosa é bela, que a Rosa é a Esperança!" (1)

Esperança, a senha do grupo.
Era. Foi. Será.

E por então, por aqueles momentos de readaptação à Paz, nos versos iniciais de "Multidão", o poeta Aluízio Medeiros adverte:

"No pátio a ânsia
incontida ânsia
de encontrar a esperança
desejada tanto!"

E em outra poesia, dessa vez na "Cantata para a Solidão Diante do Mar", lembra o poeta Artur Eduardo Benevides:

"Memórias entardecidas
frios caminhos de pranto
pensamento de esperança
repouso nos amanhãs."

Pois bem, é esse o pensamento posto em dias melhores, longamente esperados e desejados, que anima os de Clã, e que vai encontrar em Fran Martins, a toda justiça, o seu principal incentivador.

A sua casa, na Rua Rui Barbosa, 1332, tornar-se-á o grande forno de nova Padaria Espiritual, onde o intelectual aprende a acreditar no homem e a conviver os novos tempos de paz e cidadania.

Nesse contexto de envolvimento e liderança, Fran Martins está para o grupo Clã como Antônio Sales, o inolvidável Antônio Sales, esteve para a Padaria Espiritual.

Com Ele, pelos anos quarenta, subiríamos os degraus centenários do antigo prédio da Intendência (ainda havia por lá um grande relógio a soar as horas do passado...), para fundar a ABDE, Associação Brasileira de Escritores, Secção do Ceará.

E ombro a ombro, por dias à frente, haveríamos de traçar os planos do Congresso de Poesia, certame que despertaria a atenção do mundo intelectual brasileiro, a trazer depois, na esteira, um outro conclave, o Congresso Sem Poesia, de Crato.

Mais empreenderíamos. A exemplo, o 1º Congresso de Escritores do Ceará, tornado realidade no dia 7 de setembro de 1946.

Na presidência, quem se não o próprio presidente da ABDE, o diretor de *Clã*?

Sua voz é que inaugura o Congresso, a dizer aos convencionais, em palavras claras e precisas, todo o nosso empenho - o dele e o de seus companheiros - à discussão dos problemas e dificuldades deparadas pelo escritor da província, pelos novos principalmente, por quantos desejavam perseverar na atividade literária.

Assistimos todos, diz o presidente do Congresso, a um "milagre de confraternização". E em seguida, peremptório, afirma: "Desapareceram as barreiras que separavam velhas correntes - aqui somos um todo, uma só obra, um só corpo." (2)

Em primoroso livro de acerto e idéias - "Estudos, 2ª Série" - dado à audiência da inteligência brasileira dos anos trinta, Alceu Amoroso Lima renega o homem "que só absorve", por sabê-lo esterilizado intelectualmente. "Não há prazer mais íntimo para a inteligência" - segue afirmando o grande pensador - "do que sugar, como as abelhas, o mel de flor em flor, o novo de livro em livro. E ficar nesse estado Gidiano da eterna disponibilidade." (3)

Dolorosamente os *disponíveis* não ajudam, porque não participam.

Daí acrescentar Alceu de Amoroso Lima, na mesma ordem de pensamentos, a necessidade de escolher, a seu referir, "a terceira fase do espírito no caminho de sua afirmação".

A escolha, sublinha: "é portanto a nossa inserção na realidade. Por ela é que começamos a nos afirmar. Por ela é que mostramos o que há de livre em nós. O que há de vontade. Pois a liberdade o que é, senão a própria vontade em ação." (4)

Em sua grande escolha, o que vem ao caso falar, em sua opção da cidadania intelectual, em sua opção como escritor, é o homem estar diante dos outros como diante de si mesmo.

Esse olhar e ver; ver e compreender: compreender e amar - sem desfigurações - é que torna o escritor imbricado no exercício da sua mais legítima cidadania.

Pois bem, neste exato momento em que o Instituto do Ceará revive a nobre tradição de reconhecer e louvar os que em vida se destacaram em nosso meio, a Casa do Barão, repito, austera e nobre, sente-se envaidecida por homenagear - *post-mortem* - a um escritor de invejável comportamento humanístico e que nunca fi-

cou, graças a Deus, em disponibilidade, naquele desfrute de preguiçoso sentido gidiano, tão bem lembrado por Tristão de Athayde, mas, ao contrário, persistentemente alinhado em substancial trabalho ficcional, todo ele voltado para a compreensão e a avaliação da identidade do seu povo.

Povo, acuda-se a tempo, que sua maneira peculiar, característica de ver, de contemplar, não cenariza em suas casas mas nas ruas, nas pontas de rua onde a lúdica e a dor amadurecida transitam sob denominações de ressonâncias poéticas.

A rua, a constante temática do romancista - como destacaria o crítico Braga Montenegro em 1966, pelas páginas de seu irretocável "Correio Retardado". (5)

"... a atitude romanesca de Fran encontra os seus próprios desígnios, a sua singularidade criadora, na concepção do mito da Rua, não da história da rua, como seria fácil de pretender, porém na alegria da Rua, que resiste ao tempo, por isso mesmo que se manifesta numa significação mítica." (6)

A rua, entidade obsessivamente mítica - e agora já somos nós que falamos -, tem seu traçado urbano e humano, por exemplo, em "Estrela do Pastor" (1942) e em "A Rua e o Mundo" publicado dez anos depois, e que retoma o "leit-motiv" dessa periférica "mise-enscéne" urbana, na qual, principalmente nos livros do autor que reverenciando, pranteamos, transitam mulheres e meninos, prioritariamente meninos, a "sociedade de meninos", como nos vem ensinar a austeridade crítica de Braga Montenegro, "emparedada" - explica - "no seu comportamento insólito" que compreende as "guerrilhas simuladas", e até a inesperada "prática da sensualidade..." (7).

Mundo utópico, di-lo com igual equilíbrio o Sr. Braga Montenegro, e por onde, e por tantos motivos, os meninos - Ah os imprevisíveis meninos de Fran Martins! - lutam "pela conservação de sua liberdade lúdica, o que é conseqüente e legítimo".(8)

Os pobres da periferia urbana, entre nós, cultivam, sem o pressentir, o conceito islâmico de ocupação do solo, no que diz respeito à sua preferência pelas pequenas ruas tortuosas, de risco irregular.

Mas só sob essa perspectiva, que a tendência da cidade muçulmana é a favor do secreto, na observação de Fernando Chueca Goitia, e reconhecidamente pouco ciosa do espaço público como o desfrutamos nós, os ocidentais. (9)

Mas a rua, ainda no entender do autor que vimos mencionando, "é o rosto da cidade", e que faz a diferença, fisionomia que "se organiza de fora para dentro, desde a rua, espaço coletivo até dentro de casa, espaço doméstico." (10)

Esse os limites sem limites da temática ficcional de Fran Martins, prioritariamente disponíveis em seus romances.

É a permeabilidade do espaço urbano, e portanto público, que enseja todos os seus dramas.

Por isso é grande, para não dizer enorme, o desespero, a angústia do condenado que está preso em "Mundo Perdido", sem poder (espero que me compreendam) "vir de fora para dentro", "vir da rua" para a intimidade indesejável de sua cela.

E na verdade, paradoxalmente, ele, o preso, é quem todos os dias "sai", anda, anda ou voa, ou pensa que se esvai dali, a caminhar fora, a pisar o dolorido chão de suas memórias de homem enquanto livre.

Se como pretendia Proust - citado por Michel Guérin - o escritor é um *tradutor*, e a tanto "obrigado a 'decifrar' caracteres figurados, não traçados por ele", quando Fran Martins vê o "rosto da cidade" que está nas ruas, consciente ou inconscientemente a toda certeza decifra, apreendendo em "forma intelectual", criativa, a própria identidade do povo. (11)

A mítica da rua é poderosa e inafastável no processo criador desse decifrador de ruas e caracteres, e começa, a nosso ver, por ocasião da elaboração de seu primeiro romance, "Ponta de Rua", no qual, sem dúvida alguma, está a marca urbanística do bairro pobre, pobre e desamparado, e que ignora o seu batistério de nascimento e a presença disciplinante, e inicial, do ordenador da Prefeitura.

As casas, nesse espaço urbano de gestação promíscua, vão surgindo improvisadas; nada de esgoto, nada de água encanada. O líquido necessário para o processamento das refeições e asseio do corpo vem de cacimba rasgada ao chão, obra de mutirão.

Mas o que antes foi espaço vazio, área devoluta em conceito burocrático, tornou-se em espaço onde mulheres não param de engravidar, e meninos, de nascer.

Logo, e não tarda, não só as casas mas os novos becos e vielas, tudo parece encostar-se, amparar-se uns aos outros. E nes-

se complicado enigma de habitações que se improvisam não falta a caprichosa criatividade poética dos anônimos: o cacimbão está na Praça Três Corações; há um vizinho morando na Travessa Triste Suspiro; e alguém, pode ser algum carroceiro corroído pelo tempo, foi viver no Beco da Saudade...

A rua, em muitos momentos na obra de Fran Martins, como o leitor depara quase ao término de "Mundo Perdido", é desejada matriz, madre da vida. Pelo menos desse modo se promete a Antônio Reinaldo, o preso mais sofrido do mundo, a se conscientizar de que afinal soou a hora de sua libertação.

E quando ele atravessa a porta da cadeia, sabem o que - melhor dizer quem - vai ver em primeiro lugar? a rua, a rua inundada de luz, o sol "brilhando no céu", decisivo instante que na verdade marca em definitivo o limiar de sua liberdade.

Mais uma vez o romancista, aí, insere Antônio Reinaldo na rua, e quando, pelo meio do quarteirão, ele vira-se para ver a cadeia, é como reavaliasse o seu novo poder "de vir de fora", não ser "de dentro".

A presença da rua é irrevogável.

E ele certamente mais do que ninguém percebe esse fascínio quando "enterra o chapéu na cabeça, e apressa o passo na calçada esburacada".

Ao virar o rosto, furtando-se à exigüidade do cenário no qual viveu por longos e longos anos, "passa os dedos nos olhos rasos de lágrimas e dobra a esquina quase correndo."[12]

Ah, a esquina, convém mencionar, espécie de proa de embarcação, de onde o homem é capaz de descobrir a visão de muitas ruas, inesperada metáfora que parece revelar, por fim, o verdadeiro significado da liberdade.

Mesmo nas aventuras e desventuras do cangaceiro Dois de Ouro - na novela de igual nome, ponto alto, destacável da obra ficcional de Fran Martins -, a rua jamais deixa de representar a sua significação.

F.S. Nascimento, em irrepreensível análise desenhada à impressão de leitura da novela ora referida, ressalta que o bandido, a retroagir "ao tempo da sua meninice, imergia o seu pensamento na Rua da Vala", da cidade do Crato, e por onde, soltos, prospera-

vam os meninos machos que já "abalavam a cidade nas brigas com as outras ruas" e "faziam o padre Climério bradar do púlpito, pedindo freio para eles."[13]

Depois de "Estrela do Pastor", onde a via pública alcança lugar bem definido - e sugere o próprio título da obra - é em "A Rua e o Mundo", editado pela Imprensa Universitária em 1962.

Essa via de desfrute dos personagens, no livro, como adverte o autor: "Era uma rua como todas as outras; apenas nela passei a minha infância".

Pavimentado o seu piso? Não, lastrada de areia vermelha, por onde nas invernias, vem contar-nos o romancista, "corre um riacho carregando para o rio o lixo" dos quintais. E nela transpiram desagradáveis odores, evolam-se os cheiros de restos, de sobras, de lixo enfim, à semelhança do que ocorre naquele já distante romance de sua autoria, "Ponta de Rua", cuja ação transita no "Alto da Balança", em Fortaleza.

E como não existem ruas sem meninos, esses aí estão reunidos "em grupos, fazendo os seus ajuntamentos na areia. Meninos dos dois sexos" - a palavra é do escritor - meninos de "treze a quinze anos, que comandam os moleques das adjacências, nas lutas com outras ruas, ou se escondem no quintal de uma casa abandonada..."[14]

Rua em que Rafael, "deitado na espreguiçadeira, inventaria. Em cada casa uma vida, mas não um mistério. E eram tantas as vivendas desse casario simplório, uma a chamar a atenção por estar "pintada de azul com barra vermelha"...

Outra, adiante, de "calçada muito alta, três portas de frente, jacarés na parede..."

E por ali mulheres às janelas, de mãos amparando a perplexidade e o queixo, de "olhares perdidos no tempo, sem nada ver porque nada havia para ver..."

E vento, sim, vento que a toda certeza é outro personagem dessa moldura em que se aplicam os moradores da rua; irreverente e buliçoso vento, a levantar poeira, um pó vermelho que acaba - esclarece o romancista - penetrando "nas roupas, nas narinas, nos cabelos, sem que ninguém atentasse para isso, porque aquele pó fazia parte da vida de cada um."[15]

E quando, ao final desse romance, o mais longo dos que escreveu, depois de flagrar o pai envolvido com a amante (Ah os dolorosos folhetins da vida!), Cleto passa a vivenciar outro drama, o de sua indecisão em se ir dali, deixando a rua.

Poderia fazê-lo?

Também não, que na realidade o filho solidário com a mãe atraiçoada pelo pai passa a almejar "um mundo onde não houvesse misérias, onde os homens fossem honestos, onde os pais respeitassem os filhos, onde as mulheres purificassem o amor. Abandonaria a rua, procuraria o mundo. A rua existia - mas o mundo, onde encontrar?" (16)

Sim, onde ver, onde deparar, esse mundo?

No exercício de sua atividade ficcional, Fran Martins, de modo transparente e corajoso, sempre fez a sua escolha: a de estar ao lado dos mais sofridos, da gente que preferia as desventuras do quotidiano periférico aos acenos venturosos da grande cidade, ainda que em equivocada metáfora de felicidade.

Assim, ao longo de sua exemplar existência de homem público, como mestre de Direito e Escritor, Fran Martins desincumbiu-se em contar e recontar com lealdade os dramas dos obscuros, da gente anônima, que, em qualquer tempo, jamais deixará de marcar a vida das ruas de qualquer cidade.

E assim, depois de colher tantas vitórias, bem que poderia ter repetido a Giovani Boccacio, que escreveu em seu "Canto a Francisco Petrarca":

"Eu sou mais feliz com alguns dos meus livrinhos do que os reis com suas grandes coroas."

E parafrasear também os sentimentos expressos por Antero de Quental, em chispa de humildade e luz, em soneto clássico da língua portuguesa: "Na Mão de Deus":

"Na mão direita, na sua mão direita,
Descansou afinal meu coração."

Bibliografia consultada

1 - CAMPOS, Eduardo. O Demônio e a Rosa. *Revista Clã*, Fortaleza, nº 1, p. 17, 1948.

2 - Afirmação. ANAIS DO CONGRESSO DE ESCRITORES DO CEARÁ. Fortaleza: Edições Clã. p. 20.

3 - AMOROSO LIMA, Alceu. *Estudos 2ª Série*. Rio: 1934.

4 - _____. *Estudos 2ª Série*. Rio: 1934. p. 268.

5 - MONTENEGRO, Braga. *Correio Retardado*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1966.

6 - _____. *Correio Retardado*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1966. p. 253.

7 - _____. *Correio Retardado*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1966. p. 253.

8 - _____. *Correio Retardado*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1966. p. 254.

9 - GOITIA, Fernando Chueca. *Breve Hist. do Urbanismo*. Lisboa: Edit. Presença, s.d., p. 70.

10 - ____. *Breve Hist. do Urbanismo*. Lisboa: Edit. Presença, s.d. p. 71.

11 - GUÉRIN, Michel. *O que é a obra?*. Rio: Paz e Terra. 1955, p. 61.

12 - FRAN MARTINS. *Mundo Perdido*. 2. ed. Fortaleza: UFC, 1985. pp. 185-186. (Col. Alagadiço Novo).

13 - NASCIMENTO, F.S. *Revista Clã*. Fortaleza, p. 123, jun. 1966.

14 - FRAN MARTINS. *A Rua e o Mundo*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1963. pp. 371-381.

15 - ____. *A Rua e o Mundo*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1963. p. 403.

16 - ____. *A Rua e o Mundo*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1963. p. 403.